

UMA NOVA AMIGA de François Ozon _ 13 de Outubro de 2016

sinopse Laura e Claire sempre foram amigas inseparáveis. Quando a primeira morre devido a uma doença prolongada, deixando Davis, o marido, totalmente desconsolado e com uma filha bebé a seu cargo, Laura promete que os apoiará em tudo o que puder. Para isso, resolve ir a casa de David o máximo de vezes que conseguir para ajudar a cuidar da criança. Um dia, ao entrar sem aviso em casa dele, depara-se com uma desconhecida com a bebé ao colo. Há anos que ele guarda um segredo que está agora pronto para revelar. Entre eles nasce assim uma nova cumplicidade que decidem manter em segredo. **Com realização e argumento do aclamado realizador francês François Ozon ("Sob a Areia", "Swimming Pool", "O Tempo Que Resta", "Potiche - Minha Rica Mulherzinha", "Dentro de Casa"), um melodrama que adapta ao grande ecrã o conto homónimo da escritora inglesa Ruth Rendell (1930-2015). O protagonismo está entregue aos actores Romain Duris, Anaïs Demoustier, Raphaël Personnaz e Isild Le Besco.**

Título original: Une nouvelle amie

Realização e Argumento: François Ozon (França, 2014, 108 min.)

Interpretação: Romain Duris, Anaïs Demoustier, Raphaël Personnaz

Argumento e Realização - François Ozon

Montagem: Laure Gardette

Produção: Eric Altmayer, Nicolas Altmayer

Música: Philippe Rombi

Distribuição: Leopardo Filmes

Estreia: 25 de Maio de 2016

Classificação: M/12



“Ozon mistura todas estas questões, travestismo, hipóteses sexuais, mudanças de identidade, suspense sentimental, com uma virtuosidade desconcertante.”

Les Inrockuptibles

“A sequência inicial da maravilhosa adaptação de François Ozon do conto de Ruth Rendell, transporta-nos para um microcosmos do que está para vir – um serie de detalhes ritualísticos do acto de vestir, com um toque de humor negro.”

The Guardian

“François Ozon, neste encantador drama com apontamentos de comédia, oferece-nos a sua mais complexa reflexão sobre identidade de género.”

Film Comment

A verdade mais íntima

João Lopes, DN

Um dos mais originais criadores do actual cinema francês, François Ozon, está de volta com "Uma Nova Amiga", retrato de um invulgar triângulo amoroso inspirado num conto de Ruth Rendell.

Como definir, afinal, as linhas de força do cinema de François Ozon? Como ligar — se que é tal é possível — títulos tão fascinantes, e também tão diferentes, como "Gotas de Água sobre Pedras Escaldantes" (2000), adaptação de uma peça de Rainer Werner Fassbinder, "8 Mulheres" (2002), um musical, ou "O Tempo que Resta" (2005), uma reflexão sobre a aproximação da morte?

Talvez possamos responder através do novo lançamento com assinatura de Ozon, "Uma Nova Amiga", brilhante exercício narrativo inspirado num conto de Ruth Rendell ("The New Girlfriend"), definido a partir de um triângulo invulgar: duas amigas, Claire (Anaïs Demoustier) e Laura (Isilde Le Besco), e o marido de Laura, David (Romain Duris); quando Laura morre, Claire descobre que David "compensa" a falta da mulher, assumindo-se ele próprio como personagem feminina...

Que está em jogo, então? Seja qual for o registo dramático, "ligeiro" ou "grave", Ozon tende a colocar em cena personagens que transcendem os modelos de comportamento que, por razões públicas ou privadas, são levadas a assumir. Seria, por isso, um erro encarar a transfiguração de David como o assumir de uma posição "militante" — se ele desliza para a personagem de uma mulher (a que Claire dará o nome de Virginia), é tão só para ser fiel à verdade mais íntima dos seus desejos e do amor que neles se transporta.

Ozon consegue, assim, a proeza, ao mesmo tempo iconográfica e poética, de discutir o próprio conceito de personagem, nessa medida mobilizando os actores para um invulgar jogo de evidências e máscaras. No caso de "Uma Nova Amiga", importa destacar a subtil composição de Romain Duris, afinal superando e, de alguma maneira, ironizando a própria dicotomia sexual.

Ozon, o manipulador indiscreto

Luís Miguel Oliveira, Público de 25 de Maio de 2016

Permanecemos frios na contemplação do mecanismo, sem um real envolvimento. Hitchcockiano, Ozon nunca será Hitchcock, nem será, sequer, Chabrol.

Ozon filma muito, e deve ser o cineasta francês mais *workaholic* da actualidade, mas raramente filma em "continuidade": cada filme é um compartimento estanque, que pode funcionar melhor ou pior mas é sempre alguma coisa que nasce e morre ali. Não espanta por isso que seja um cineasta irregular, e que nunca saiba muito bem o que esperar de cada novo filme. O que é mais feio do que defeito. Menos agradável é a sensação de que todos os seus filmes vivem de alguma espécie de truque, de *gimmick*, e que esse truque é, se não a única razão para o filme existir, o elemento em torno do qual — e do respectivo e calculado efeito — tudo se constrói. Hitchcock era assim, em versão superlativa; Ozon, a quem não é a primeira vez que chamamos *hitchcockiano* (mais como defeito do que como feio, neste caso), está longe dos superlativos — mas neste caso, a começar pela matriz literária (um conto da escritora inglesa Ruth Rendell) e acabar nas citações

expressas ou quase expressas (**Psico**, por exemplo) que Ozon inclui, a referência faz ainda mais sentido.

O truque, neste caso, é o segredo da personagem travesti de Romain Duris, tendência “libertada” pela morte da mulher, e que se transforma no ambíguo objecto de desejo da melhor amiga da defunta, interpretada por Anaïs Demoustier (a melhor amiga, não a defunta, por cujo rosto sem vida o filme começa). A titilação é garantida, os temas da “perturbação da identidade sexual”, do “vampirismo”, da “transferência de personalidades”, dos fantasmas eróticos, vão saltando todos à vista, como se Ozon pensasse em Hitchcock, em Bergman, em Polanski, em Buñuel, tudo ao mesmo tempo. Mas se não se lhe nega uma enorme habilidade – a habilidade manipuladora e calculista de quase sempre, com poucas excepções – é difícil ver em **Uma Nova Amiga** mais do que o exercício semi-genuíno semi-oportunista de um cineasta exímio a emular modelos e referências mas incapaz de lhes insuflar uma aragem que as transcenda ou, se isso fosse pedir muito, meramente as encaminhe para um território mais pessoal e mais imprevisível. “Uma Nova Amiga” é um filme de “máquina”; bem oleada, certamente, mas sobretudo interessada em estar sempre um passo à frente do espectador, agarrá-lo a partir de uma expectativa laboriosamente gerada mas sem cuidar de apagar (como Hitchcock fazia) as marcas, o rasto, da geração dessa expectativa. Vê-se, sente-se a manipulação, mantemo-nos sobre controlo, nunca nos esquecemos de que isto “é só um filme”. Permanecemos frios na contemplação do mecanismo, sem um real envolvimento. Hitchcockiano, Ozon nunca será Hitchcock, nem será, sequer, Chabrol.

